

A CONVERSA SOBRE GÊNERO NA ESCOLA: ASPECTOS CONCEITUAIS E POLÍTICO-PEDAGÓGICOS

Edimauro Matheus Carriel Ramos¹

Lançado em 2019 pela editora Wak, o livro “*A conversa sobre gênero na escola: aspectos conceituais e político-pedagógicos*” do professor, consultor e autor Marcos Ribeiro, promove um diálogo interdisciplinar sobre gênero e sexualidade com demais autores/as, pesquisadores/as, psicólogos/as, advogados/as e entre outros/as. A obra se divide em dezesseis capítulos nos quais cada um dos autores/as convidados/as contribuem e acaloram os debates sobre gênero e sexualidade sob suas perspectivas, experiências e olhares sobre esses temas nos espaços educativos. Rogério Diniz Junqueira, Caroline Arcari, Eliane Maio, Mariana Braga e muitos outros são alguns dos autores e autoras referências que compõem essa obra. Marcos Ribeiro possui mais de uma dezena de livros publicados nessa área, subsidiando pesquisadores e pesquisadoras com livros que abordam a sexualidade e o gênero de forma dinâmica e pedagógica.

Na apresentação do seu livro, Ribeiro faz uma breve introdução aos temas que serão despertados ao decorrer da obra, salientando o caráter repressivo e condicionado que as condutas e as expressões da sexualidade e do gênero são enquadradas. Ribeiro destaca que o intuito de tal livro é promover múltiplos olhares e diferentes contribuições para o campo educacional, pois segundo ele, “o tema gênero não é um tema isolado, mas uma ‘conversa’ com várias ciências” (p. 14). O autor ainda enfatiza a importância da escola como um espaço propício para a discussão e realização de debates e trabalhos sobre gênero, ratificando que ela deve se sustentar em um trabalho pedagógico bem estruturado em valores universais e em amplos debates.

O capítulo de abertura fica ao encargo de Eliane Rose Maio, a qual traz ao centro das discussões algumas tensões e concepções sobre gênero por meio de uma interlocução com bases históricas de seus estudos no Brasil e no mundo. Maio se faz valer da concepção plural do gênero e apresenta diversas faces e conceitualizações com base em diversos teóricos e teóricas. A autora também promove diálogos iniciais com a prática educativa e a questão de gênero, questionando a formação docente e o cotidiano escolar, discorrendo que “professores (as) instrumentalizados (as) e estudiosos (as) se tornam aptos (as) discutir sobre questões de gênero de maneira acessível, utilizando exemplos, atividades lúdicas e conversa ‘olho no olho’” (p. 25).

Mais adiante, o capítulo *Empoderamento de meninas e masculinidades positivas*, redigido pela pedagoga Caroline Arcari nos faz refletir sobre outros modelos de masculinidade e feminilidade, modelos estes que visam implodir e problematizar conceitualizações e atribuições fadadas ao sexismo e ao machismo. Arcari expõe um panorama de violências sofridas por homens/meninos e mulheres/meninas motivadas pelos dispositivos de hierarquização, entre eles a violência doméstica, estupro e o machismo. A escola como um espaço que promova o empoderamento de meninas, é imprescindível segundo Arcari, uma vez que é “fundamental que meninas tenham acesso a espaços que as ensinem a desconstruir o estereótipo da feminilidade submissa e docilizada” (p. 68). No que se referem às masculinidades positivas, a pedagoga questiona os pressupostos hegemônicos sobre exercer a masculinidade,

¹ Graduado em Pedagogia. Faculdades Integradas de Itararé – FAFIT. [edimauroamos@hotmail.com]

assinalando que “é urgente educar meninos que descubram masculinidades positivas, novas formas de se relacionarem e se posicionarem no mundo” (p. 68).

Fabricio Pupo Antunes, estudante do Ensino Médio e pesquisador contribuiu com seu olhar discente no capítulo *A produção das identidades em ambiente escolar: a experiência a partir do olhar de um adolescente*, destacando sobre as dissidências de gênero e sexualidade presenciadas e observadas em seu colégio. O jovem pesquisador narra sua trajetória e sua aproximação com os temas. Fabricio, com seu olhar de educando, adolescente e pesquisador, expõe relatos oriundos de suas pesquisas e as contextualiza com o debate sobre gênero e sexualidade nos espaços educativos. O pesquisador ainda expõe a realidade de inúmeros jovens estudantes, bem como, da maioria das instituições de ensino, nas quais “existem pessoas desafiando todos os dias que lhe foi imposto historicamente dentro da escola” (p. 85).

O capítulo *A invenção da “ideologia de gênero”*, escrito por Rogério Diniz Junqueira (INEP), debate sobre este factóide e os desdobramentos corroborados por ele. Segundo Junqueira, seus esforços “têm-se mostrado eficazes para bloquear avanços e impor retrocessos nos campos das políticas públicas e no mundo da vida” (p. 123). Junqueira apresenta por meio de fundamentações teóricas que o sintagma da “ideologia de gênero” é uma invenção neopentecostal, quem vem ganhando potência desde 1990. Traçando uma linha histórica desse factóide no Brasil, Junqueira também indaga sobre as premissas democráticas que excluem as pautas de gênero da educação, contestando que essa ofensiva antigênero “colide com o direito à educação de qualidade” (p. 133).

Em seguida, o capítulo *Debater sexualidade e gênero em sala de aula é um direito constitucional*, por Mariana Braga, abarca as discussões sobre gênero e sexualidade como fatores que caminham junto com os direitos fundamentais que preveem igualdade, pluralidade e entre outros. Braga aponta a necessidade de abrir espaços para promover diálogos sobre gênero e sexualidade numa perspectiva dos direitos humanos e das políticas públicas e educacionais, endossando a ideia de que esses temas se fazem presente em todas as esferas da sociedade, uma vez que na esfera educacional esse debate deve ser cada vez mais assíduo, advertindo que, ao contrário do que vem sido propagado, “o professor possui largo arcabouço jurídico que resguarda sua função acadêmica de tratar dos temas gênero e sexualidade em sala de aula” (p. 151).

Marcos Ribeiro redige o décimo capítulo que se intitula *A abordagem do tema sexualidade e gênero em sala de aula*. No referido capítulo, Ribeiro se mune dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para introduzir nas mais diferentes disciplinas e áreas do conhecimento atividades e estratégias pedagógicas em que os temas gênero e sexualidade possam ser exploradas nos PPPs das escolas, juntamente com o trabalho conjunto de conscientização dos pais. Ribeiro salienta que essas orientações didáticas são menos teóricas e de cunhos mais práticos, a fim de demonstrar que o trabalho acerca do gênero e da sexualidade podem ser pensados e executados numa linguagem interdisciplinar entre as disciplinas de Ciências, Português, Matemática, História, Geografia, Educação Física, Artes e outras. Ribeiro discorre que a escola “pode exercer um papel muito importante para a realização de um trabalho que pode ser feito por meio da interdisciplinaridade” (p. 157).

Além dos capítulos destacados anteriormente, o livro também é tecido por demais capítulos que exploram outros limites e possibilidades de trabalhar a temática

com crianças e adolescentes (capítulo 3, *A abordagem de gênero com crianças e adolescentes*, por Vânia Beliz); na perspectiva da saúde (capítulo 11, *O trabalho de gênero na interface da saúde*, por Christina Gonçalves e Virginia Ribeiro); no teatro (capítulo 14, *Gênero e sexualidade em cena: percepções e possibilidades do teatro na escola*, por Bruno Ganem); a importância da parceria entre família e escola (capítulo 12, *A parceria família-escola: os pais diante da diversidade de gênero*, por Ana Canosa) e muitas outras possibilidades de inserir o gênero nas mais diferentes áreas e linguagens.

Ao final de cada capítulo podem ser encontradas sugestões de atividades, estratégias, dinâmicas e pautas para serem discutidas com alunos e docentes, a fim de propiciar reflexões e problematizações em torno das relações de gênero, identidade de gênero, das sexualidades, do glossário LGBTI+, do machismo e das violências que se manifestam nas mais diferentes abordagens discriminatórias.

Falar sobre gênero nos espaços educativos na contemporaneidade têm sido um ato revolucionário, uma vez que esses espaços não se eximem de promover o respeito e a equidade. A obra de Marcos Ribeiro vem em um momento muito propício da educação brasileira, pois, diferentemente do que tem se propagado nas escolas, na mídia e nos embates religiosos sobre “ideologias de gênero” e a “Escola Sem Partido”, este livro une profissionais e olhares bem solidificados que apontam a relevância de se debater e problematizar essas temáticas numa perspectiva plural e igualitária que se desviam de fundamentalismos.

Este livro é recomendado ao acervo de professores/as, psicólogos/as, artistas, profissionais da saúde e entre outros que pensam a tríade gênero–sexualidade–educação como um debate inadiável, pois tal livro está longe de ser apenas um manual para que profissionais aprendam a lidar com questões de gênero e sexualidade. Desta forma, o livro de Marcos Ribeiro é um material que carrega em cada uma de suas páginas experiências, apontamentos e olhares múltiplos que podem iluminar caminhos, práticas e currículos numa perspectiva transformadora, reflexiva e que atenda aos pressupostos de igualdade.

REFERÊNCIAS

RIBEIRO, Marcos. (Org.) **A conversa sobre gênero na escola: aspectos conceituais e político-pedagógicos**. Rio de Janeiro, Wak Editora, 2019.